

SOBRE HISTÓRIA (PÚBLICA) NO INSTAGRAM: EXPERIÊNCIAS E POTENCIALIDADES DO MEME PARA A DIVULGAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Sobre História (Pública) on instagram: experiences and potentialities of the meme for the scientific communication and historic knowledge making

Sobre História (Pública) en el instagram: experiencias e potencialidades del meme para la divulgación y construcción del conocimiento histórico

Franciele Silva Soares¹
Leonardo da Silva Lopes²
Wilian Junior Bonete³

Resumo: É inegável a importância da divulgação científica para a história, bem como suas relações com as tecnologias digitais. Nesse sentido, considera-se necessário pensar novas abordagens para a difusão do conhecimento histórico nos ambientes digitais, antagônicas aos negacionismos e revisionismos existentes na atualidade. O meme se apresenta como uma linguagem capaz de atingir esses objetivos. Mediante a inserção de temas e conteúdos históricos nos memes, geralmente com humor, é possível estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e o debate sobre a história na comunidade digital, tendo em vista a aproximação do conhecimento acadêmico com o grande público. Deste modo, este trabalho visa apresentar algumas experiências iniciais do projeto de extensão intitulado “Sobre História (Pública)”, vinculado ao Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPEL) e ao Portal Clio HD.

Palavras-chaves: Divulgação Científica. História Pública. Memes de Internet. Mídias Digitais.

¹ Graduando em História Licenciatura pela UFPEL. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: fran.soaresrs@gmail.com; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4345484593816411>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-0379-0040>.

² Graduando em História Licenciatura pela UFPEL. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: leonardo.lopes@ufpel.edu.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2146741066535253>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-7513-5627>.

³ Doutor em História pela UFMT. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS, Brasil. E-mail: wilian.bonete@ufpel.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7339543110127451>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0971-4192>.

Abstract: The importance of scientific dissemination for history, and its relationship with digital technologies is indisputable. In this context, it is imperative to consider novel approaches to disseminating historical knowledge in digital environments, particularly as a counterpoint to the prevalent denialism and revisionism. Memes have emerged as a medium capable of achieving these objectives. By incorporating historical themes and content into memes – often using humor – it is possible to foster the development of critical thinking and stimulate discourse on historical topics within digital communities, with the aim of bridging the gap between academic knowledge and the general public. Consequently, this study aims to present preliminary experiences from the extension project titled “Sobre História (Pública)”, which is affiliated with the History Teaching Laboratory (LEH/UFPEL) and the Clio HD Portal.

Keywords: Science Communication. Public History. Internet Memes. Digital Media.

Resumen: La importancia de la divulgación científica es innegable, así como sus relaciones con las tecnologías digitales. En ese sentido, es necesario pensar nuevos enfoques para difusión del conocimiento histórico en los ambientes digitales, contrario a los negacionismos y al revisionismos actualmente existentes. El meme se presenta como un lenguaje capaz de alcanzar estos objetivos. Al insertar temas y contenidos históricos en los memes, generalmente con humor, es posible estimular el desarrollo del pensamiento crítico y el debate acerca de la historia en la comunidad digital, acercando el conocimiento académico del público en general. Así, este trabajo tiene como objetivo presentar algunas primeras experiencias del proyecto de extensión titulado “Sobre História (Pública)”, vinculado al Laboratorio de Enseñanza de Historia (LEH/UFPEL) y al Portal Clio HD.

Palabras clave: Divulgación Histórica. Historia Pública. Memes de Internet. Medios Digitales.

Introdução

Atualmente os memes de internet se fazem presentes na paisagem das redes sociais, particularmente na plataforma *instagram* e, nesse sentido, diversas páginas que produzem memes com conteúdo histórico surgem e atingem uma grande popularidade, a exemplo do “História no Paint”⁴ e o “Reações Medievais”⁵ com mais de 635 mil e 415 mil seguidores, respectivamente.

De acordo com Coelho (2021, p. 5) “o meme pode ser compreendido [...] como uma composição de imagens e frases curtas, que transmitem uma ideia – geralmente com humor” e, da mesma maneira, Silva (2019, p. 167) escreve que “[...] os memes podem destacar uma mensagem, fazendo com que a mesma ganhe grande repercussão”, considera também que são

⁴ Para consultar o “História no Paint” ver: <https://www.instagram.com/historianopaint/>. Acesso em: 2 de jul. de 2024.

⁵ Para consultar o “Reações Medievais” ver: <https://www.instagram.com/reacoesmedievais/>. Acesso em: 2 de jul. de 2024.

“[...] elementos importantes na cultura digital e se popularizaram entre os jovens, sendo bastante eficientes em transmitir vários tipos de mensagens” (SILVA, 2019, p. 162). Além disso, em sua pesquisa Abreu (2020, p. 18) define o meme como um “[...] artefato cultural digital que se articula como uma linguagem com alto potencial comunicativo [...]”, e que se manifesta a partir de diversos formatos populares na rede. Estes autores concordam que o meme constitui-se atualmente como uma linguagem capaz de disseminar narrativas, mensagens ou até ideias pela *web*, e é justamente nesse sentido que se apresenta um grande potencial para a divulgação histórica, uma vez que o meme se configura atualmente como uma linguagem própria das redes sociais.

Referente ao atual ambiente de proliferação dos memes, Andrade (2022) indica que, no contexto da *web 2.0*, as redes sociais se tornaram o principal espaço de diálogo mundial, em que milhares de pessoas passaram a interagir com conhecidos e desconhecidos. Contudo, desde a sua criação no final dos anos 1990, as redes sociais se tornaram um espaço de disputa de narrativas, muitas vezes históricas, e de proliferação de notícias deliberadamente falsas, as *fake news*.

O mundo vem sofrendo com as consequências das veiculações de notícias falsas nos últimos anos, já que elas possuem uma grande capacidade de mover votos, barrar ou não determinados projetos e influenciar a opinião pública sobre determinadas pautas (REIS, 2020, p. 122). No Brasil, por exemplo, houve a chamada crise de *Fake News*, entre os anos de 2020 e 2022, que custou a vida de milhares de brasileiros, quando sistematicamente foram espalhadas mentiras sobre a vacina contra a COVID-19, através de diversos meios de comunicação. Nesse mesmo sentido, o historiador Marlon dos Reis (2020, p. 121) escreve que “[...] a televisão e, ainda mais, a internet propiciaram novas formas e caminhos para que haja a disseminação de falácias e opiniões propositalmente controversas”.

Nesse contexto, a história se tornou um veículo utilizado de maneira deturpada para contestar a realidade e os direitos conquistados pela sociedade. As discussões oriundas de nossas atuações acadêmicas na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), articulam-se frente ao combate de negacionismos históricos e *fake news*, e buscaram-se inserir em um nicho já existente nas redes sociais, porém nem sempre ocupado por historiadores ou estudantes de história preocupados com a divulgação científica, ou com o horizonte da História Pública.

Deste modo, o projeto “Sobre História (Pública)”, vinculado ao Portal Clio HD e ao Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPEL), propõe-se a criar memes de conteúdo

histórico com o objetivo de aproximar o conhecimento acadêmico do público geral por meio das mídias digitais. Além disso, busca proporcionar a circulação de informações verificáveis sobre história nas redes sociais na dimensão da História Pública, de forma acessível, a partir da criação de uma página no *instagram* e da produção e contextualização de memes com temáticas históricas diversas. A escolha desta linguagem tem em vista as suas potencialidades na problematização da realidade, a eficiência na transmissão de ideias e a sua constante presença na cultura digital.

Ao longo desse artigo, apresentaremos a criação do conceito e a definição de memes e sua relação com a internet, além da sua interlocução com o ensino de história a partir dos trabalhos de Abreu (2020), Cadena (2017), Coelho (2021) e Silva (2019). Posteriormente, discutiremos as perspectivas de Albieri (2011), Almeida e Rovai (2011) e Santhiago (2018) sobre História pública com as intersecções com a História Digital baseadas nos textos de Noiret (2015) e Lucchesi (2022) e, finalmente, descreveremos o trabalho que é desenvolvido nesse projeto com relação a produção dos memes, a contextualização e o desenvolvimento da interação com o público.

Os memes de internet: entre a *web* e a sala de aula

A criação do conceito de meme é anterior ao surgimento das redes sociais e da própria internet como a conhecemos hoje. Sua primeira definição é oriunda do estudo da memética, a partir do trabalho do etólogo Richard Dawkins em “O Gene Egoísta” de 1976, e relaciona-se com o darwinismo universal, que defende a utilização da teoria da seleção natural para além das ciências biológicas (CHAGAS, 2021).

Dawkins (2013, p.121) considera a possibilidade de existir um princípio geral presente em todas as formas de vida, este seria a lei de que a vida evolui pela sobrevivência de entidades replicadoras, a mais comum delas é o gene, a molécula de DNA.

Em sua obra, o autor anuncia o nascimento de um novo tipo de replicador, no ambiente da cultura humana, e, justamente pela sua semelhança com a palavra “gene”, nomeia-o “meme” que se define como uma unidade de transmissão cultural (DAWKINS, 2013). Para o autor, da mesma maneira que os genes disseminam-se, de pessoa para pessoa através dos espermatozoides e dos óvulos, os memes propagam-se “[...] pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação” (DAWKINS, 2013, p. 122). Com relação a essa primeira conceituação, constata-se que “[...]”

os memes então são ideias ou modos de pensar e fazer que competem entre si para se afirmar no caldo cultural humano” (CHAGAS, 2021, p. 3).

A partir da década de 1980, a memética passou a ser analisada a partir de uma abordagem orientada pelos campos da filosofia e da psicologia. Acrescenta-se, portanto, um aprofundamento na perspectiva da competição entre os memes e a noção de seus consumidores como hospedeiros ou “máquinas”. Entre os teóricos responsáveis pela consolidação desses modelos, destacam-se o filósofo Daniel Dennett (DENNETT, 1998) e a psicóloga Susan Blackmore (BLACKMORE, 1999). Mesmo com tamanho esforço destes primeiros acadêmicos, trata-se de uma tarefa no mínimo complexa identificar um meme, parte dessa dificuldade reside no fato de que os memes definem-se principalmente a partir de sua capacidade de proliferação e não necessariamente pela sua mensagem ou formato.

É nesse ambiente que, a partir do advento e disseminação da internet, a memética passou a ser inserida no contexto da *web*. Surgem então a definição dos memes de internet. Shifman (2014, p. 39), sugere uma nova abordagem para definir os memes, dentro da perspectiva da internet. Essa abordagem é baseada em dois princípios: considerar unidades difundidas como incorporando várias dimensões meméticas — ou seja, vários aspectos que as pessoas podem imitar; e entender os memes não como entidades isoladas que se propagam, mas como grupos de unidades de conteúdo com características comuns entre si. A autora define o meme de internet como um grupo de itens digitais que compartilham características comuns em seu conteúdo, forma e postura, que foram criados com ciência uns dos outros e são postos em circulação, imitados e/ou transformados pela internet por diferentes usuários.

Já Börzsei (2020, p. 644) destaca que “o meme de internet é uma forma de entretenimento virtual que pode se manifestar sob diferentes formatos, tais quais uma imagem estática [...] um GIF⁶ de animação ou, ainda, um vídeo”. Além disso, chama atenção para o fato de que a maior parte dessas imagens são simples e com baixa qualidade, no sentido de que “não são criadas com a intenção de parecerem bonitas ou particularmente realistas; seu foco se concentra na mensagem” (BÖRZSEI, 2020, p. 644).

A investigação de Börzsel (2020) se concentra nos memes remixados, categoria proposta pela autora, que é referente aos memes que são reproduzidos a partir da adaptação e transformação do veículo, ou formato, original. A partir de uma abordagem midiarqueológica,

⁶ GIF é a abreviatura de Graphics Interchange Format e permite combinar imagens ou quadros, criando animações básicas.

a autora objetiva rastrear o processo de crescimento dos memes de internet até suas tendências atuais, uma vez que há, na sua visão, uma falta de interesse pela história e evolução deste fenômeno crescente pelos pesquisadores até então, por mais que a sua história seja crucial para a compreensão da cultura digital (BÖRZSEI, 2020).

Segundo a autora, por mais que tenham se tornado um tipo de humor cada vez mais convencional, os memes de internet foram, por muito tempo, encarados como produções estranhas de uma espécie de subcultura da internet que estava separada da realidade (BÖRZSEI, 2020, p. 665). Porém, atualmente há uma vasta coleção de trabalhos acadêmicos, inclusive no Brasil, preocupados com os memes de internet e suas repercussões na sociedade, sobretudo a partir da década de 2010 (CHAGAS, 2021, p. 15), notadamente nas áreas da comunicação, da psicologia e da filosofia. Contudo, o presente trabalho se concentra apenas na intersecção do meme com a História Pública e o Ensino de História, devido ao trabalho desenvolvido no projeto.

As mudanças agudas na sociedade atual, causadas em parte pela cada vez maior relevância das redes sociais nas interações humanas exigem, daqueles que estudam a educação, novas propostas que se apoiem em diferentes suportes, particularmente os digitais. É com essa questão em mente que Abreu (2020, p. 16) escreve que:

[...] a influência de novas tecnologias na vida dos jovens assim como as mudanças sociais e culturais estão refletindo na forma como a juventude e suas famílias enxergam o papel da escola em suas vidas e com isso determinados hábitos escolares vem perdendo espaço e credibilidade neste meio, levando a cultura escolar a aprender a lidar com novos comportamentos, novas tendências, novos modos de ser e agir da “vida *on-line* dos alunos”.

No mesmo sentido, Silva (2019, p. 174) apresenta que “surgiu um novo perfil de aluno, que está inserido em uma cultura digital, sendo produtor e reproduzidor da mesma e que se depara, em muitos casos, com uma escola que, para alguns, ainda é analógica”. O trabalho de Coelho (2021), indica que a utilização dos memes de internet como recursos didáticos pode ser encarada como uma solução para essa mesma questão, uma vez que estes fazem parte do mundo do estudante, são de simples produção e consumo, além de estar amplamente disponível pelos meios virtuais. Silva (2019) destaca a capacidade dos memes de aproximar professores e alunos, o que tem potencial de tornar o ensino uma atividade mais atrativa. O autor indica que, apesar do grande potencial dos memes, esta linguagem não deve ser

utilizada isoladamente, mas sim como recurso adicional para o ensino de história ou em atividades de revisão (SILVA, 2019, p. 176-177).

Além disso, como apresentado por Coelho (2021, p. 7), a produção de memes pelos próprios estudantes é também uma possibilidade especialmente interessante, uma vez que garante ao aluno um papel de protagonismo no processo de ensino. Já o trabalho de Cadena (2017), que consiste na realização de uma análise de memes de internet com conteúdo histórico da rede social *facebook*, especificamente no recorte do Brasil Colônia, busca compreender como este material mobiliza o passado de maneira a responder questões da nossa contemporaneidade. Segundo o autor, o sucesso das páginas com conteúdo de história não deve ser simplesmente atribuído ao humor contido nos memes, antes de tudo deve-se atentar para a carência do conhecimento histórico e suas novas formas de manifestação (CADENA, 2017, p. 12). É nesse sentido que o autor salienta que uma grande parte dos materiais analisados possuem algum grau de problematização, cerca de 78% entre alto e médio teor problematizante (CADENA, 2017, p. 13).

Com relação aos dados obtidos, Cadena (2017, p. 13) considera que o resultado demonstra que “[...] os memes históricos coloniais estariam longe de ser uma mera brincadeira nas redes sociais que mobilizam o passado para conseguir curtidas e compartilhamentos de forma acrítica”. Contudo, vale ressaltar que, segundo o autor, alguns dos memes com alto teor de problematização são relacionados a discursos conservador e nacionalista (CADENA, 2017, p. 13), fruto das polarizações do ambiente político que antecederam as eleições presidenciais brasileiras de 2018.

A partir dos trabalhos citados anteriormente, considera-se que a utilização de memes de internet destacam-se, na conjuntura atual, principalmente pela sua capacidade de problematização e de gerar o debate acerca da temática abordada, o que proporciona contrapor pré-concepções com relação a conteúdos históricos no ambiente escolar e no digital. Contudo, haja visto a utilização dessa linguagem para a disseminação de discursos reacionários e conservadores, há a necessidade de somar a produção acadêmica à criação de memes de internet, sob a luz da História Pública.

A um “click” de distância: História Pública Digital

Quando se fala da valorização da área da história, isso está intrinsecamente ligado também a sua divulgação, já que é através dela que os conhecimentos despertam o interesse

do público geral. Entretanto, Albieri (2011, p. 23-24) acredita que o termo “divulgação” é visto entre os estudiosos das ciências humanas como algo negativo, diferente do que diagnostica-se nas ciências exatas ou da natureza, o que se daria por conta do convívio que essas áreas têm com a divulgação. A autora ainda dá ênfase ao fato de que essas áreas têm vocabulários e fórmulas próprias, enquanto a linguagem das ciências humanas é mais aproximada da que se usa no cotidiano (ALBIERI, 2011, p. 24).

Sendo assim, pode passar a equivocada impressão que não é necessária mediação para se aprender sobre as humanidades. Apesar das desconfianças com a divulgação, ela é benéfica tanto para a comunidade acadêmica, que produz, quanto para o público em geral, que tem o direito de acessar e se beneficiar das pesquisas feitas nas universidades, independente da área e, segundo Santhiago (2018), a História Pública demonstra ser um caminho frutuoso para essa “devolução” da pesquisa histórica, muito mais do que uma compensação direta ou sessões de conscientização.

Encontrar uma única definição para o que é “História Pública” e quais são seus objetivos não é fácil e possivelmente geraria intenso debate. Segundo Almeida e Rovai (2011, p. 9), a área nasceu inicialmente na Inglaterra, se espalhando para países como Canadá, Estados Unidos, Itália e África do Sul, como uma forma de buscar a justiça social através da publicação irrestrita de documentos, mas também há quem acredite que sua função é servir como um apêndice da educação escolar, garantindo por meios distintos o interesse dos alunos no conteúdo. De certa maneira, a História Pública pode atuar em todas essas áreas, mas não é apenas isso que a constitui.

Almeida e Rovai (2011, p. 7) conceituam a História Pública como “[...] uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões”. Similarmente, Santhiago define que:

[...] a história pública não se caracteriza fundamentalmente pela transmissão de um conjunto de habilidades técnicas capaz de viabilizar a construção de bens culturais – como propugna o *mainstream* da história pública estadunidense –, mas pela sua capacidade de promover uma transformação na relação das pessoas com o passado e também na relação do historiador com seu ofício (SANTHIAGO, 2018, p. 306).

O autor considera que a História Pública possui uma característica de autoridade compartilhada, em que o público e o historiador têm igual capacidade de emulação de conhecimento e consciência histórica (SANTHIAGO, 2018, p. 297). Posto isso, entende-se

que a História Pública necessita do outro, o público, para que o conhecimento proveniente dela seja construído. A pergunta é: como atingir esse público diverso, vivendo em partes diferentes do mundo, que tem interesse no que é produzido na universidade pública brasileira e em contribuir para a construção desse conhecimento?

A História Pública por meios digitais apresenta muitas ferramentas e possibilidades que servem de resposta para esse questionamento, pois é um campo em expansão até mesmo quando não é guiado por membros da academia. Lucchesi (2022) apresenta a utilização do método do *Crowdsourcing*, que se trata do processo de obtenção de dados de um grande grupo de pessoas, para a realização de pesquisas e para o compartilhamento dos resultados com o público geral e acadêmico, uma vez que “os métodos digitais podem ajudar a disciplina histórica a elaborar e responder velhos e novos problemas” (LUCCHESI, 2022, p. 40). No seu trabalho, a autora defende a relevância da participação do público em projetos e propõe a experimentação na área da História Digital com métodos da História Pública, “[...] mesmo que as abordagens especulativas possam soar arriscadas ou pouco científicas para alguns pares” (LUCCHESI, 2022, p. 41).

Serge Noiret (2015), membro fundador da Federação Internacional de História Pública, nos fala que a História Digital não é apenas a utilização de ferramentas digitais de forma auxiliar as antigas práticas, mas que “trata-se também do desenvolvimento de uma relação estreita com as tecnologias suscetíveis em modificar os próprios parâmetros da pesquisa” (NOIRET, 2015, p. 33).

Por ser algo novo, o ofício do historiador público ainda não é algo totalmente claro, mas os horizontes são amplos. As redes sociais têm sido uma área de atuação interessante, tendo em vista as repercussões de conteúdos históricos, equivocados ou não, no *tiktok*, *twitter*, *facebook* e *instagram*. Apesar da mediação do historiador ou do estudante de história nem sempre ser desejada nessas situações, possivelmente é nelas que a presença seja mais necessária.

O historiador público deve poder fazer mediação com as formas públicas de conhecimento do passado que a rede oferece, contribuindo na primeira pessoa à narrativa do passado em meios virtuais. Construir uma história pública digital que seja capaz de fazer frente e de mediar de modo crítico a manifestação incessante das memórias privadas – e das memórias coletivas embalsamadas – é certamente um papel profissional destinado ao trabalho do “public historian” (NOIRET, 2015, p. 40).

Com essas dúvidas, questionamentos e conceituações em mente, se tem o necessário para que as ideias fluam, principalmente em um espaço propenso a experimentação, como a universidade. Pensamos em algo que não era novo, já existente no horizonte da História Pública Digital, mas com possibilidades amplas, com a capacidade de resultados surpreendentes a cada nova roupagem.

Sobre história (pública) no *instagram*

O projeto “Sobre História (Pública)” surgiu no ano de 2023, a partir de um trabalho de avaliação realizado em uma disciplina da graduação do curso de licenciatura em história da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), intitulada “Oficina Temática de Ensino de História II”, ministrada durante o 4º semestre, que propunha a criação de propostas de intervenção nas redes sociais alinhadas às perspectivas e possibilidades da história pública. Surgiu então a ideia de confeccionar memes de internet com conteúdos históricos acompanhados de uma breve contextualização acerca dos assuntos abordados, com a divulgação deste conteúdo a partir de uma página na plataforma *instagram*, devido ao grande volume de páginas de memes com conteúdos históricos existentes nela (Figura 1).

Figura 1 – Logo da página do “Sobre História (Pública)”



Fonte: De autoria própria (2024).

Após a organização de uma proposta inicial da página durante a realização das atividades da disciplina e a produção de doze postagens, houve, nos primeiros meses de 2024, a institucionalização do projeto juntamente ao Laboratório de Ensino de História (LEH/UFPEL), no âmbito da extensão, em parceria com o Portal Clio HD⁷. A partir dessa vinculação, o projeto se sustenta considerando que em tempos em que os negacionismos e revisionismos históricos se espalham pela internet, a importância desta ação de extensão é fazer circular informações verificáveis sobre história e historiografia de forma acessível para todos os públicos.

⁷ O Portal Clio HD é um projeto, vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), cujo objetivo é a construção, de forma permanente, de um acervo de fontes e objetos digitais para a realização de pesquisas e para o ensino de História. Além das fontes digitais catalogadas por eixos temáticos, o projeto contempla espaços para a divulgação de diferentes livros, artigos, dossiês e objetos digitais como podcast, vídeos, hipertextos, softwares educacionais, jogos, dentre outros links que podem ser utilizados para a realização de práticas de ensino de História. Para conhecer o portal, acesse: <https://wp.ufpel.edu.br/cliold/sobre-cliold/> Acesso em 24/10/2024.

Desse modo, a ideia é produzir conteúdos históricos, com qualidade, mediante as diversas interações com a comunidade externa via redes sociais, bem como a divulgação das ações nestes espaços virtuais. Especificamente, o projeto possui os objetivos de divulgar conteúdo histórico acadêmico através da produção de memes de internet sobre história e da contextualização por meio de *cards* informativos, na plataforma *Instagram*, bem como propor a utilização de memes como uma linguagem alternativa para a divulgação científica e, como discutido anteriormente, com grandes possibilidades de aplicação em sala de aula.

Após mais de nove meses de duração do projeto, a página soma trinta e cinco postagens, seis *reels* e diversas interações nos *stories*, conta também com pouco mais de 200 seguidores. Segundo dados da própria plataforma *instagram*, principalmente através das publicações, a página alcançou aproximadamente 1.500 contas desde Maio de 2024, a maior parte desse número é de não seguidores, o que indica um engajamento considerável da página.

O trabalho desenvolvido na página pode ser dividido em três grandes eixos distintos entre si: a confecção dos memes; a produção dos *cards* de contextualização; e as interações com o público. Com relação ao primeiro eixo, a criação dos memes é realizada baseado nas concepções de que “[...] o conteúdo de história é inserido no meme e não o contrário. Ou seja, a mensagem é aplicada em uma imagem antes existente que reflete uma determinada situação” (Silva, 2019, p. 171), e de que, apesar dos memes serem uma ferramenta com grandes potencialidades, “[...] nunca deve se perder de vista o objetivo de problematizar a realidade” (Coelho, 2021, p. 6).

O processo se inicia com a seleção da temática histórica que será abordada e a problematização que será realizada, as temáticas são diversificadas e transitam entre espacialidades e temporalidades diversas, preferencialmente a partir das sugestões dos seguidores da página. Posteriormente é definida uma imagem-modelo que possua os elementos desejáveis, e que seja de ampla disseminação na *web*, no sentido de facilitar a sua compreensão (Figura 2).

Figura 2 – Meme sobre as “Bruxas da Noite”

Soldados nazistas tentando dormir no fronte oriental em 1941-1945



Fonte: De autoria própria (2024).

Para a escolha do modelo, ou *template*, são utilizadas diversas ferramentas, como por exemplo o site “*Meme Generator*”, ou a fabricação de modelos próprios, baseados em pesquisa de dados na *web*. Uma vez finalizado o processo de escolha, é realizada a edição do modelo, utilizando ferramentas *online* de edição de imagens e de vídeos, como o aplicativo para edição de vídeos “*Capcut*”, em que são adicionados textos, áudios e a marca d’água da página para identificação de autoria.

O desenvolvimento dos *cards* de contextualização começa com a seleção da bibliografia que será utilizada como referência, preferencialmente textos, artigos científicos ou livros de fácil acesso e em língua portuguesa. A partir das leituras, é produzido um breve texto de caráter introdutório com o objetivo de contextualizar a temática abordada no meme, porém de forma alguma há uma explicação do meme. A quantidade de *cards* varia de uma

postagem para a outra, mas o número flutua entre 8 e 10, com capa, texto, imagens e referências.

De certa maneira, quando utilizados em conjunto, tanto o meme quanto os *cards* passam a mesma mensagem, porém em linguagens diferentes. Os *cards* de contextualização são organizados de forma que, ao final do texto, as referências utilizadas sejam sempre apresentadas. Tanto no sentido de disponibilizar leituras mais aprofundadas sobre os assuntos apresentados, quanto para aproximar o processo de produção da página do processo acadêmico científico. Na contextualização, prioriza-se uma escrita acessível e direta e a adição de imagens e vídeos para complementar a postagem, bem como sugestões de músicas, filmes, revistas e livros.

Para melhor compreensão dos métodos utilizados no trabalho da página, será descrito o processo de criação de uma postagem específica: Arte Plumária e os *Assojabas* Tupinambás, publicada em 1º de janeiro de 2024. O tema para essa publicação foi definido a partir de uma sugestão de seguidor, motivado pela iminência da devolução do manto tupinambá que estava no Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhague. Para a escrita dos *cards* foram utilizados como referencial os trabalhos de Amy Buono (2018), Caroline Costa (2022) e Glicéria da Silva (2022), com os objetivos de apresentar a arte plumária Tupinambá, sua utilização, bem como a luta não somente pela repatriação do manto, mas também pela demarcação de terras indígenas. Constata-se que “os mantos tupis [...] serviam como vestimentas rituais usadas em performances religiosas no âmbito das comunidades indígenas costeiras e, mais tarde, em assentamentos missionários e mercados” (BUONO, 2018, p.15). Estes mantos eram produzidos utilizando penas de Íbis-Escarlate por plumaristas tupi altamente habilidosos e capacitados (BUONO, 2018, p. 14).

Costa (2022) destaca o longo processo de repatriação do exemplar que se encontrava no museu dinamarquês, bem como a luta por reconhecimento do povo Tupinambá na década de 2000 e a repressão estatal. A autora considera que

Essas lutas são uma resposta a um processo longo e violento, iniciado com a chegada dos portugueses nas terras indígenas que viriam a ser o Brasil. E são desse mesmo período os onze mantos Tupinambá que se encontram atualmente na Europa, confeccionados em um contexto colonial pelos Tupinambá e depois levados para o velho continente, essas peças foram deslocadas, descontextualizadas e musealizadas (COSTA, 2022, p. 11).

Por fim, segundo Silva (2021), a luta indígena pelas suas terras e a preservação do meio ambiente está intimamente ligada à saúde dos mantos, pois “para o *Assojaba* Tupinambá – Manto Tupinambá viver, temos que ter um território saudável, protegido, com floresta de pé, para os pássaros que habitam na mata” (SILVA, 2022, p. 328, **grifo nosso**). Ainda nessa questão, a autora complementa:

o Manto traz a luta do território, a vida do território. O Manto precisa que o território viva. Se o território vive, o Manto vive. Então a gente teve que fazer essa luta para recuperar as nascentes, recuperar os animais, recuperar as árvores, recuperar tudo isso (SILVA, 2022, p. 331).

Após anos, o museu de Copenhague se comprometeu em devolver o manto em sua posse (repatriado na primeira semana de julho).

O meme relacionado Manto Tupinambá (Figura 3) adota um modelo de imagem já divulgado e conhecido nas redes sociais, para que seja de fácil compreensão.

Figura 3 – Meme sobre o Manto Tupinambá



Fonte: De autoria própria (2024).

Na comparação das frases, se entende que perguntas como “se um homem está ficando calvo” ou “se um estudante universitário leu o texto da semana” são polêmicas e causam algum tipo de desconforto ao receptor desses questionamentos. De forma similar, ainda que não literal, antes da devolução do manto tupinambá, essa pergunta poderia gerar certo desconforto ao governo dinamarquês, pois desde o início da década de 2000 o povo tupinambá luta por esse retorno e apenas em 2023 o museu de Copenhague se comprometeu em devolvê-lo, apenas porque ocorreu uma fatalidade em nosso museu nacional. Inúmeras interpretações podem surgir do meme e essa é a sua principal característica na sua utilização neste projeto, mas quando o produzimos, a mensagem que desejamos passar é que o manto se encontrar na Dinamarca quando o seu povo, para quem ele tem um significado ímpar, está no Brasil, é algo polêmico, desconfortável e questionável.

Com relação ao terceiro e último eixo, a interação com o público consiste talvez no elemento mais importante do projeto, uma vez que este se fundamenta nas concepções da História Pública, para além da divulgação científica da história. A plataforma *instagram* possibilita uma grande gama de ferramentas que facilitam o contato com os seguidores, a exemplo das interações por *stories*: enquetes, votações, caixas de perguntas, etc; da seção de comentários das postagens; e dos *reels*. Além disso, na página *insights* estão disponibilizadas as informações de visualização e dados específicos dos seguidores, o que auxilia a compreensão sobre quais os elementos que estão funcionando nas postagens.

A própria utilização dos memes é, de certo modo, uma forma de interação, uma vez que cada seguidor terá uma interpretação própria do produto da postagem e a partir dela criará suas próprias concepções acerca do conteúdo abordado, alinhadas ou não com a dos autores. Outra ferramenta utilizada na página é a de descrição alternativa das imagens na forma de texto, da própria plataforma *instagram*, este texto tem o objetivo de descrever as fotos para pessoas com deficiências visuais.

Dentre os seguidores do perfil estão graduandos e professores do ensino básico e superior, além de estudantes do ensino básico, notadamente fundamental⁸. Contudo, por mais que o aumento gradual de seguidores e contas alcançadas seja uma cifra relevante, considerando que um dos principais objetivos do projeto é a divulgação e construção do

⁸ Salientamos que os dados apresentados são fornecidos pela própria plataforma *instagram*, por meio da sessão *insights*, disponível para usuários de perfil profissional, de maneira a analisar o engajamento.

conhecimento histórico na *web*, as interações dos seguidores são de uma importância superior do que meramente o aumento no engajamento.

Considerações finais

Ao longo do presente artigo, procuramos apresentar os diferentes referenciais teóricos que norteiam as atividades e ações desse projeto e da página vinculada. Nesse sentido, enfatizamos a utilização de memes de internet como uma linguagem com uma grande potencialidade de aplicação, não somente na sala de aula, mas também em projetos de divulgação histórica e científica no horizonte da História Pública nas redes sociais *online*.

Os memes da internet, apesar da sua complexa identificação e relação com a memética de Dawkins, como exposto por Chagas (2021), estão no centro de uma cultura digital crescente nas redes sociais e seus usuários, mesmo que sem perceber, participam ativamente da sua disseminação. Os memes, nos termos de Dawkins (2013), ou seja, como agentes replicadores de informações culturais, ganharam nova vida quando do advento e popularização da internet, acrescenta-se, portanto, uma virtualmente infinita gama de possibilidades de aplicação e utilização. Trata-se de um elemento inerentemente presente nos ambientes digitais, desde pelo menos a década de 1990 (BÖRZSEI, 2020) e, dessa maneira, funciona como uma linguagem, ou talvez narrativa, digital própria com alto potencial comunicativo (ABREU, 2020, p. 18), uma vez que através das suas diversas camadas pode apresentar diversas mensagens diferentes, mesmo que, por vezes sejam conflitantes.

Mesmo assim, a partir desse artefato cultural digital (ABREU, 2020) é possível promover discussões que façam oposição às perspectivas, que não raramente também utilizam-se da narrativa memética digital (CADENA, 2017), do negacionismo e do revisionismo presentes na *web*, e que também sejam pertinentes à área da história na atualidade, como os aspectos de gênero, racialidade e sexualidade na história.

Procuramos, também, dar o devido destaque a História Pública e a História Digital que, se utilizadas em conjunto, podem ser muito benéficas para o ofício do historiador e para o estudante de história, bem como projetos envolvendo os ambientes digitais. Essa nova amálgama na área das humanidades, que é a História Pública, apesar de não possuir uma definição precisa (SANTHIAGO, 2018), se mostra com um grande potencial, tanto para a divulgação histórica, que por muito tempo foi ignorada e tida como irrelevante ou desnecessária para nossa área (ALBIERI, 2011), quanto na construção de um conhecimento

conjunto, atento às mudanças de nosso mundo e as pessoas a quem isso importa (ALMEIDA, ROVAI, 2011).

A utilização conjunta da história pública com a história digital não é algo novo e tem precedentes (LUCCHESI, 2022), o que nos mostra que é possível fazer uma história de todos, que atinja o maior número de pessoas possíveis, dentro da *web 2.0*. Isso exige, entretanto, que o historiador que tem interesse em se tornar um historiador digital repense o seu ofício, afinal, diferente do competitivo espaço acadêmico, como um historiador público digital, ele não trabalha sozinho e, apesar de ser parte importante, por ser o responsável pela mediação de memórias, ele não é o único destaque (NOIRET, 2015).

É necessário, não obstante, considerarmos as próximas ações do projeto, uma vez que este se encontra ainda em andamento. Há uma área frutífera na pesquisa a partir de memes com temáticas históricas de grande circulação nas redes sociais, particularmente na plataforma *instagram*, com o objetivo de compreender a sua disseminação, suas utilizações e apropriações com relação a diferentes conteúdos históricos em contraposição às produções autorais do projeto.

A sala de aula e as perspectivas do ensino de história se constituem como ainda outra área de ação do projeto, uma vez que a apresentação dos produtos do projeto para os estudantes do ensino básico pode ser o catalisador de problematizações relevantes e que desenvolvam a criticidade e o pensamento histórico.

Referências

- ABREU, C. B. de. **Também com memes se ensina e se aprende história: uma proposta didático-histórica para o Ensino Fundamental II**. 2020. 186f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.
- ALBIERI, S.. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, J. R. de; ROVAI, M. G. de O. (Org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 19-28.
- ALMEIDA, J. R. de; ROVAI, M. G. de O. (Org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ANDRADE, D. E. Redes sociais digitais: um novo horizonte de pesquisas para a História do tempo presente. In: BARROS, J. D. (org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos de um novo tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022, p.179-227.
- BLACKMORE, S. J. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

BÖRZSEI, L. K. Em vez disso faz um meme: uma história concisa dos memes de internet. In: CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EdUFBA, 2020. p. 509-540.

BUONO, A. Seu tesouro são penas de pássaro: arte plumária tupinambá e a imagem da América. **Figura: Studies on the Classical Tradition**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 13–29, 2019. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/figura/article/view/9950>>. Acesso em: 15 jul. de 2024.

CADENA, S. Entre a História Pública e a História Escolar: as redes sociais e aprendizagem histórica. In: Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017, Brasília. Anais... São Paulo: ANPUH-SP, 2017. p. 01-16.

CHAGAS, V. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. **BIB**, São Paulo, n. 95, 2021. Disponível em: <<https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/119>>. Acesso em: 15 de jul. de 2024.

COELHO, N. Uso dos Memes como Recurso Didático no Ensino de História - Uma Análise de Experiência. In: XXXI Simpósio Nacional de História, 2021, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro 2021. Disponível em: <<https://www.snh2021.anpuh.org/site/anais#N>>. Acesso em: 15 de jul. de 2024.

COSTA, C. **O retorno do manto tupinambá: diálogos para a construção de uma história da arte indígena**. 2022. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DENNETT, D. C. **A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1998.

LUCCHESI, A. História Pública Digital: dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. **Boletim do Tempo Presente**, [S. l.], v. 11, n. 03, p. 36–43, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/17464>>. Acesso em: 20 de jul. de 2024.

NOIRET, S. História pública digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>>. Acesso em: 20 de jul. de 2024.

REIS, M. O que a COVID-19 tem a dizer aos historiadores? Uma breve reflexão sobre o presente e o futuro historiográfico. **Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 10, n. 18, jan.-jul., 2020, p. 119-137

SANTHIAGO, R. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3381/338158035010/>>. Acesso em: 20 de jul. de 2024.

SHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. Cambridge: MIT Press, 2014.

SILVA, D. Os memes como suporte pedagógico no ensino de história. **Periferia**, v. 11, n. 1, p. 162-178, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36408>>. Acesso em: 15 de jul. de 2024.

SILVA, G. Arenga Tata Nhee Assojoba Tupinamabá. **Tellus**, Campo Grande, v. 21, n. 46, p. 323–339, 2022. Disponível em: <<https://tellus.ucdb.br/tellus/article/view/816>>. Acesso em: 15 jul. de 2024.

Recebido em: 9 de agosto de 2024

Aceito em: 27 de outubro de 2024
